

# Arte-ciência e o processo criativo do zine

## Arte-ciencia y el proceso creativo de zine

Taisa Maria Laviani da Silva  
Zandra Coelho de Miranda

**Resumo:** O presente texto é um desdobramento de reflexões em torno do processo criativo em artes e em ciências, oriundas da articulação teórico-prática proposta pela disciplina Seminário de Projeto: Metodologia da Pesquisa em Artes, que integra o Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, da Universidade Federal de São João del-Rei. Para isso, a escolha do zine como tema central, além de ser o fio condutor da discussão, contribui para a compreensão das artes como conhecimento; para ressaltar a importância da criatividade não somente em artes, como também em ciências; para estabelecer possíveis paralelos entre a produção artística e a produção científica; bem como apontar o percurso da experimentação no processo criativo do zine.

**Palavras-chaves:** zine; processo criativo; arte-ciência.

**Resumen:** El presente texto es un despliegue de reflexiones en torno al proceso creativo en artes y ciencias, a partir de la articulación teórico-práctica propuesta por la disciplina Seminario de Proyecto: Metodología de la Investigación en Artes, que integra el Programa Interdepartamental de Posgrado Interdisciplinario en Artes, Urbanidades y Sostenibilidad, de la Universidad

---

Taisa Maria Laviani da Silva. Mestranda no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, da Universidade Federal de São João del-Rei. Email: [taisalaviani@gmail.com](mailto:taisalaviani@gmail.com)

Zandra Coelho de Miranda. Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, pela UNICAMP; Mestrado em Arte Educação pela Universidade de Illinois, EUA; Doutorado em Artes Visuais pela UNICAMP e Pós Doc conduzido junto à UNESP, também no Instituto de Artes Visuais. Email: [zandra.coelho@gmail.com](mailto:zandra.coelho@gmail.com)

Federal de São João del-Rei. Para eso, la elección de zine como tema central, además de ser el hilo conductor de la discusión, contribuye a la comprensión de las artes como saber; para enfatizar la importancia de la creatividad no solo en las artes, sino también en las ciencias; establecer posibles paralelismos entre la producción artística y la producción científica; así como señalar el camino de la experimentación en el proceso creativo de zine.

**Contraseñas:** zine; proceso creativo; arte-ciencia.

## Introdução

O presente texto articula leituras e discussões realizadas no decorrer da disciplina “Seminário de Projeto 2: Metodologia da Pesquisa em Artes”, ministrada pela Prof. Dra. Zandra Coelho de Miranda, no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidades (PIPAUS), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Tem como objetivo refletir sobre o processo criativo em artes e em ciências por meio da criação do zine. Para tanto, além do referencial teórico em que se baseia a disciplina em questão, composto por autores como: Cecília Salles, Paulo Silveira, Fayga Ostrower e Umberto Eco; se estabelece diálogo com referências sobre o universo fanzínico e trechos de zines de minha autoria.

Em conformidade com a emenda da disciplina em questão, busca-se estabelecer uma discussão sobre arte e ciência como faces do conhecimento (que não se antagonizam, pelo contrário, se complementam); traçar alguns paralelos entre a produção artística e a produção científica; reafirmar a importância da criatividade tanto em artes quanto em ciências; destacar o percurso da experimentação no processo criativo do zine; e refletir sobre as possibilidades e potencialidades presentes na criação do zine.

## E o que seria um zine?

Um espaço possível. Ou um espaço de possibilidades. Um espaço de criação e de-formação. Essa poderia ser a resposta dada aos que pedem para definir o que é o *zine*.

Originário da cultura dos fãs de ficção científica, na década de 1930, “o termo fanzine é um neologismo formado pela contração dos termos ingleses *fanatic* e *magazine*, que viria a significar “revista do fã” (MAGALHÃES, 1993, p. 9). Assim, oriundos dos fã-clubes de ficção científica, os fanzines foram artefatos que representaram o advento de uma nova cultura no campo das publicações independentes, sendo facilmente incorporado por movimentos de contracultura que marcaram o século XX, como é o caso do movimento *punk*, que também se utilizou do zine para inaugurar “uma mídia alternativa focada no próprio seio do movimento” (BUSANELLO, 2018, p. 13), cunhando a expressão “faça você mesmo” (*do it yourself*). De acordo com Henrique Magalhães (1993, p. 23), “a partir dos fanzines *punks*, o termo fanzine ganhou popularidade e passou a denominar as publicações informativas de fã-clubes ou movimentos organizados de minorias”.

Conforme revela Busanello (2018, p. 24), “nos anos 50 e 60 os correios foram o meio de distribuição da contracultura no mundo todo”. Nesse contexto, os fanzineiros (pessoas que produzem fanzines), em sua maioria, também tomaram os correios como via de propagação de zines, contribuindo para a formação de uma “rede social analógica”<sup>1</sup> entre artistas independentes, jovens e pessoas interessadas em expressões artísticas e debates políticos que iam na contramão da indústria cultural, bem como questionavam o sistema social vigente. Nessa di-

---

1. A ideia de rede social analógica, expressa como o fanzine contribuiu para que redes fossem formadas via Correios. Para saber mais sobre esse movimento, pode-se acessar o documentário "Fanzineiros do Século Passado – Capítulo 1: As dificuldades para botar o bloco na rua e a rede social analógica", por Márcio Sno. Disponível em: <<https://vimeo.com/19998552>>.

reção, no final do século XX, os zines foram assimilados pelos artistas postais, tornando-se “uma das partes mais importantes das matérias primas da Arte Postal” e contribuindo para “a descentralização da obra de Arte dos meios físicos tradicionais (museus, exposições, coleções etc.)” (BUSANELLO, 2018, p. 15).

Já no início do século XXI, com o advento da internet, muitos zineiros migraram para a mídia digital, inaugurando o *E-zine* ou *Webzine*. Contudo, conforme afirma Busanello (2018, p.16), “mesmo com a dita crise de publicações independentes pela ascensão da mídia digital, o fanzine resiste em ambas as mídias (física e digital)”. Dessa maneira, como analisa Yuri Amaral (2018), os zines analógicos não se tornaram mídias antiquadas, justamente por se constituírem enquanto potenciais artefatos culturais do cotidiano que, quando envelhecem, tornam-se peças de arte, ou documentos que registram o acúmulo de experimentações e o próprio percurso do zine. Considerando tal perspectiva, nos sentimos levados a pensar: qual seria o papel (no sentido literal de seu fazer artesanal e de sua possibilidade como mídia impressa) que o zine pode ocupar na contemporaneidade?

De fato, o fanzine em alguns momentos se confunde com jornais de bairro, boletins políticos, livros de artistas, revistas de vanguarda, com Arte Postal, com impressos alternativos no geral e dificilmente haverá uma definição científica que esgote a discussão do que é de fato fanzine plenamente. *Talvez seja uma característica da própria práxis do fanzinato, que se expressa melhor na ação, do que na teoria.* Nunca confundir o fanzine somente como uma forma ou gênero de publicação, o fanzine por si mesmo é uma forma de expressão artística (BUSANELLO, 2018, p. 49, grifo nosso)

Sobre a passagem acima, vale comentar: ainda que Busanello mencione certa proximidade entre o zine e o livro de artista, temos que

o zine não se volta para pensar o objeto livro em si, como faz o livro de artista ao subverter a ideia de reprodutibilidade (algo que o zine não se atém; por outro lado, é consequência desse mesmo processo), transgredindo sua forma e profanando as regras de apresentação e uso do objeto livro (SILVEIRA, 2008). Guilherme Silveira, em *Zine objeto de artista: um percurso de criação quadrinhística entre fronteiras* (2021, p. 397-416), analisa a característica do zine de cruzar formas e provocar deslocamentos, se consolidando enquanto um espaço experimental, de possibilidades expressivas e de expansão dessas várias formas de expressão. De acordo com Guilherme Silveira (2021), é característico do livro de artista produzir com o objeto livro, e ainda que o zine compartilhe essa característica, ele não a adota como definição, mas como possibilidade. Para o autor,

Parafrazeando Paulo Silveira, se o livro-objeto está contido no livro de artista, arrisco-me a dizer que o livro de artista (ou livro-objeto) pode estar contido no zine, este sendo um grande guarda-chuva que aceita acampar todas as formas que se proponham ao diálogo e a certas formas de fazer (SILVEIRA. 2021, p. 413).

O importante é ressaltar que “as diferentes definições do que é um zine não são excludentes, uma nova conceituação não substitui as outras e todas podem ser encontradas em uma mesma feira de publicações” (CADÔR, 2021, p. 40). Independente dos diversos usos que lhe foi dado, devido sua apropriação por distintos movimentos sociais, culturais e artísticos, podemos afirmar que “o fanzine surge da pura necessidade de se expressar, da paixão, da ideologia, do fanatismo, do engajamento e faz uso de uma publicação independente para isso” (BUSANELLO, 2018, p. 51).

Seu percurso que flerta, se aproxima, encontra e atravessa diversas manifestações, acaba por ressaltar a característica processual do fazer zínico. Sua estética “simples”, artesanal e não-padronizada que invoca

as experimentações e o acúmulo delas por parte do zineiro: colagens, tipografia, moldura, costura, bem como diferentes formas, técnicas, cores, desenhos, rabiscos e temáticas variadas... Aproximando à reflexão levantada por Cecília Salles (1998) sobre o processo de criação artística, o trabalho criador do zine também se revela como um gesto inacabado, onde o artista se apresenta como um livre criador de limites e trabalha na superação dos mesmos.

O zine acontece através da colagem do “banal” e cotidiano com as artes, assumindo uma transgressão formal ao promover a integração entre arte e artesanato (integração presente também na construção do livro de artista). Segundo Busanello (2018, p. 35) “o fanzine transfigura ícones da indústria cultural, da cultura pop, encontrados em revistas de celebridades, de moda, de história em quadrinhos, etc. e os subverte em colagens”, rompendo com padrões convencionados socialmente e jogando com clichês, conceitos e imagens mentais, provocando nossa percepção sobre eles e sobre as estruturas que os sustentam, validam e reproduzem.

É nesse contexto que o mictório de Duchamp e todos seus ready-mades fazem sentido, onde o escândalo e a piada está na “colagem” de um objeto da banalidade do cotidiano, no mundo da Arte, chamado posteriormente de Assemblage (colagem de objetos tridimensionais). Marcel Duchamp ao colocar o urinol em destaque, não estava transformando um objeto do cotidiano em Arte apenas, ao colocá-lo em um ambiente de poder da instituição Arte, enfrentou e demonstrou toda a ideologia por trás do processo de definição desse meio: o local (exposição), os envolvidos com poder cultural (críticos) definem o que será ou não Arte em um determinado contexto (BUSANELLO, 2018, p. 45).

Nesse sentido, o fanzine não assume a posição de uma obra de Arte, não só por lhe faltar uma sistematização e uma definição definitiva, posto que “o zine é fluído e sua definição se abre e se muta no decorrer

dos tempos através da prática de seus produtores” (SILVEIRA. 2021, p. 412); como também por descaracterizar a instituição Arte “em seus conceitos mais caros: originalidade, unicidade, aura, alto valor econômico, individualismo (no processo de confecção e distribuição), elitismo cultural, estética padrão e nos temas abordados” (BUSANELLO, 2018, p. 49). Por isso que, segundo afirma Busanello (2018, p. 50), “o fanzine é arte (com “a” minúsculo) por ser feito em um processo criativo, artesanal e ter interação do pessoal para o coletivo”.

O zine se apresenta enquanto ação criativa em função da vida. Ao questionar a instituição Arte, conseguimos aproximar a arte à vida, de modo que ela se desvele e se revele nas diversas instâncias da realidade e do cotidiano, se mostrando atrelada a toda ação criativa humana. Com o lema “faça você mesmo” e – aqui acrescentamos – com a prerrogativa de “faça com o que tem mãos”, o zine acaba por cumprir o papel de aproximar as artes a qualquer pessoa, em qualquer lugar, independente da classe social. Isto porque não se trata de “levar o zine até o sistema da Arte como ele se encontra, mas sim de abrir a compreensão de arte para as produções criativas humanas” (SILVEIRA, 2021, p. 412).

Então, qual o papel que o processo de criação do zine pode ocupar na contemporaneidade? Como hipótese, temos que o processo criativo do zine pode proporcionar a suspensão e o questionamento da ideologia por trás da definição de Arte (essa com “A” maiúsculo); e a transformação de territórios a partir da democratização do acesso às artes<sup>2</sup>. Como sinalizou Guilherme Silveira (2021, p. 412), “o zine pode ser visto como democratização de uma ideia de arte aberta para a vida e para todos”.

---

2. O uso do termo “artes”, em minúsculo e apresentada no plural, está em acordo com as Premissas do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, que adota uma perspectiva “com base numa definição expandida que segue as redefinições de arte concebida não como um ato formal, mas como uma intervenção na sociedade, de modo que o artista trabalha em equipes comunitárias interdisciplinares e a criatividade artística já não é um ato de isolamento.” (PIPAUS. 2015, p. 02). Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/pipaus/premissas.php>>.

## Sobre o processo criativo do zine

O fanzine é uma aglomeração de signos de vários autores não em uma parede, mas no papel. Ele mescla [...] fragmentos do cotidiano coletados e recombinados para formar um novo todo.

AMARAL. 2018, p. 33.

O fazer artístico múltiplo do zine marca a sua característica libertária, que se reafirma no seu processo de produção artesanal, em virtude de seu apelo sensorial, tátil. O processo de criação do zine é também a construção de uma mídia, uma possibilidade de soltar e circular a voz e também de criar com as próprias mãos, de dobrar, rasgar, colar, pintar... e assim, “o fanzineiro toma contornos de um artesão da linguagem, não só do texto escrito, mas do texto escrito que se funde com outros através de colagens, desenhos e interferências” (GALVÃO, 2010, p. 95). As múltiplas linguagens e faces do zine podem conviver: essa é sua potência enquanto artefato cultural, bem como meio de comunicação.

Como analisado por Celina Muniz, em *Na desordem da palavra: fanzines e a escrita de si*, “os fanzines atuam como elos de laços sociais e veiculam afetos e estéticas particulares” (2010, p. 16). Dessa forma, os zines podem ser compreendidos enquanto manifestações artísticas capazes de propiciar às pessoas uma forma de exprimirem, além de suas opiniões e impressões sobre a realidade social, suas angústias e sentimentos. Ou seja, são manifestações das “artes da existência”<sup>3</sup>,

---

3. A ideia de artes da existência é retirada de Michael Foucault (2007) e se refere ao processo de subjetivação do indivíduo, na tomada de uma posição ética, no sentido de uma estética da vida, traçada como liberdade possível no fazer-se existir. Nas palavras de Foucault (2007, p. 15): “Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”. Muniz (2010) aproxima a relação entre ética e estética presente em Foucault aos fanzines, sendo por ela compreendido enquanto “uma unidade expressiva que estabelece a íntima relação entre o que é narrado e o que é vivido” (2010, p. 26).

onde o processo de criação de zines pode ser concebido enquanto “prática de invenção de si, com a qual os indivíduos se constituem e se reconhecem como sujeitos ao experienciarem a função de autoria” (MUNIZ, 2010, p. 19).

Nesse sentido, o processo de criação do zine pode ser entendido como um espaço de afetos e experiências, que permite a interconexão entre as pessoas e os contextos nos quais estão inseridas, e a interação dos sentidos, a partir da criação e do câmbio de subjetividades, produzindo um campo heterogêneo, de experimentação da língua e da linguagem e de composições híbridas. Como aponta Denise Lourenço, em *Fanzine: procedimentos construtivos em mídia táctica impressa* (2006),

Cada página é manipulada num percurso intersemiótico (de inter-relação entre linguagens) que traduz para o novo universo as buscas pessoais de cada editor. É o método de experimentar e transformar as matérias-primas (que não pertenciam ao universo fanzinesco e passam a pertencer) que evidenciam o vínculo entre o percurso criativo do fanzineiro e a sua noção de cidade e cultura (LOURENÇO, 2006, p. 83).

Aproximando, novamente, às contribuições de Salles (1998) acerca do processo de criação artística, o fazer zínico nos conduz a uma perspectiva estética na qual a arte é abordada sob o ponto de vista processual, considerando seu contexto social e histórico. De modo que o projeto poético do zine é forjado não somente pelo caminho estético traçado pelo seu criador, mas também a partir da inter-relação de sua escolha estética com seus princípios éticos. Da mesma maneira, a forma e o conteúdo do zine não são tomados enquanto entidades estanques, pelo contrário, são interdependentes e se interferem constantemente.

Desse modo, os fanzines estão envoltos em práticas que não esperam pelo que está circunscrito e anunciado, elas inventam sua

condição de existência e se lançam como uma possibilidade – elas mesmas fraturam o espaço e realizam a travessia (GALVÃO, 2010, p. 90).

Abaixo estão trechos de zines de minha autoria e criação. Mesclam técnicas de colagem manual, utilizando não somente recortes de revistas/jornais, como também pedaços de papéis considerados velhos, guardados há muito tempo. Lançam mão de sobreposições de imagens cortadas/rasgadas, rabiscos, pintura com tinta guache, plástico colorido com transparência (celofane), algodão e intervenção com caneta esferográfica sobre foto. As colagens estão em diálogo ora com a poesia que as acompanham, ora com o tema/conteúdo do zine – o que não significa que as composições imagéticas surgiram todas depois das composições textuais. Tais zines são frutos do exercício de reatar os laços entre o criar e o viver, como propõe Fayga (1987), e da necessidade de comunicação e entendimento do mundo, condição *sine qua non* da existência humana.

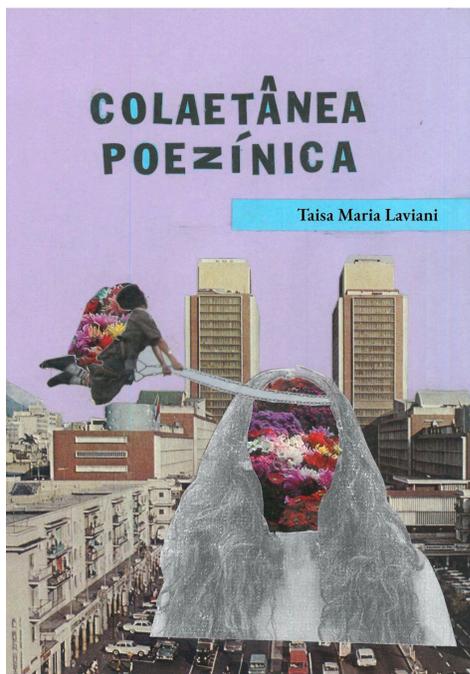


Imagem 1.  
Taisa Maria Laviani.  
Colaetânea Poezínica.  
Colagem manual, capa.

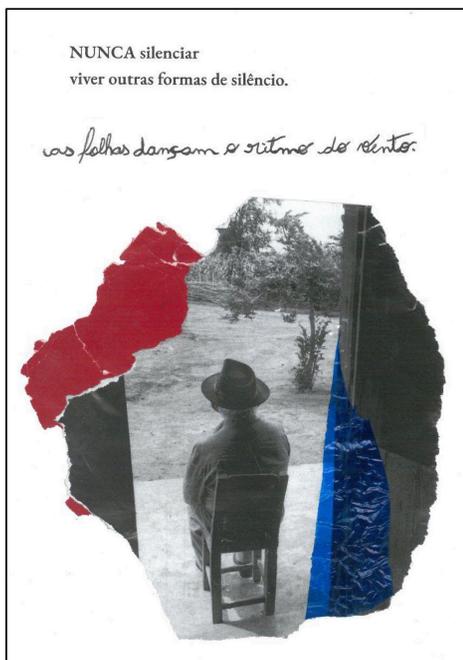


Imagem 2.  
Taisa Maria Laviani.  
Colaetânea Poezínica.  
Colagem manual, página 6.

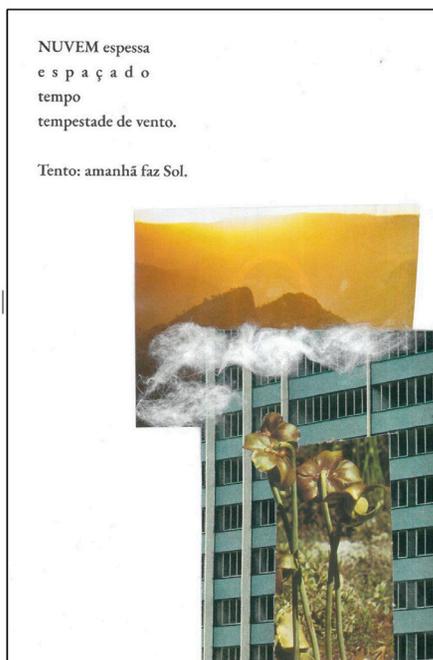


Imagem 3.  
Taisa Maria Laviani.  
Colaetânea Poezínica.  
Colagem manual, página 15.

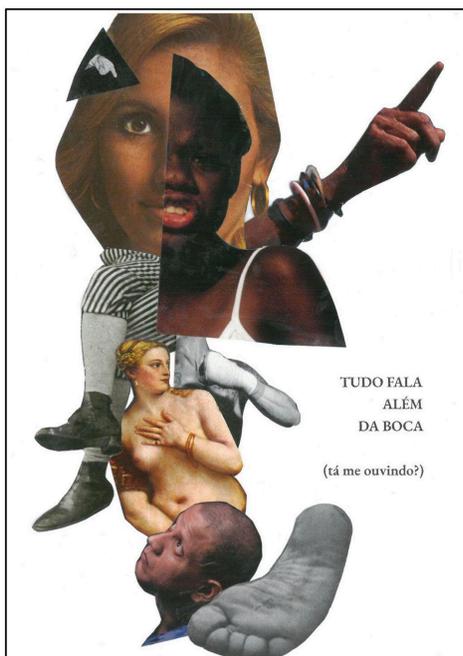


Imagem 4.  
Taisa Maria Laviani.  
Colaetânea Poezínica.  
Colagem manual, página 5.



Imagem 5.  
 Taisa Maria Laviani.  
 Encarei-me ao espelho.  
 Colagem e texto, página 3.



Imagem 6.  
 Taisa Maria Laviani.  
 ARTEZINE.  
 Colagem e texto, capa.



Imagem 7.  
 Taisa Maria Laviani.  
 No banheiro (ou Maíra).  
 Colagem manual e texto, páginas 4 e 5.

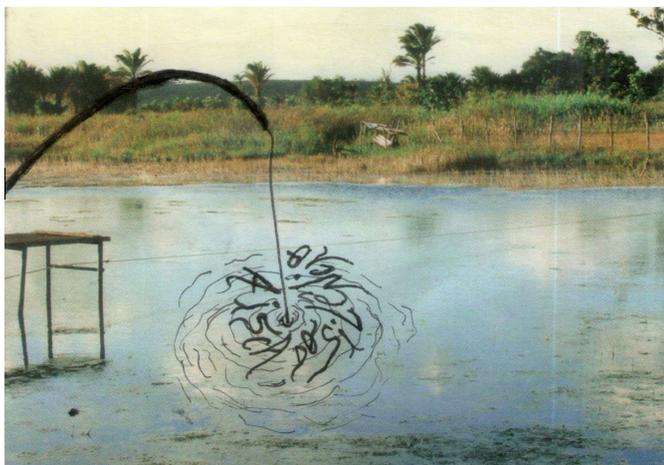


Imagem 8.  
Taisa Maria Laviani.  
A Isca do Silêncio.  
intervenção com caneta  
esferográfica sobre foto, capa.

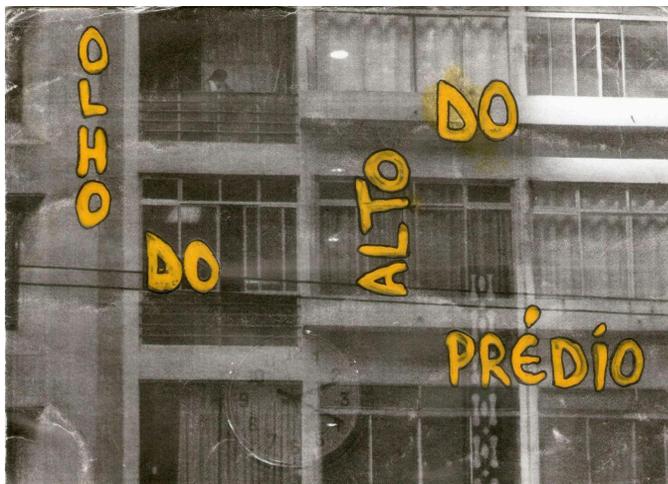


Imagem 9.  
Taisa Maria Laviani.  
Olho do Alto do Prédio.  
Intervenção com guache e caneta  
sobre foto impressa, capa.

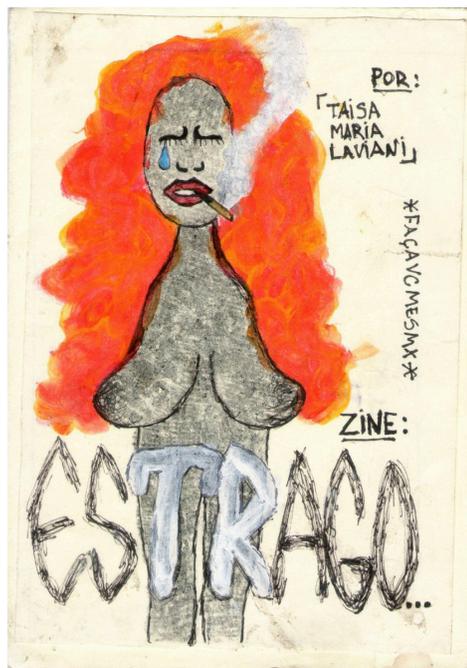


Imagem 10.  
Taisa Maria Laviani.  
Estrago.  
Caneta esferográfica, lápis e guache  
sobre sulfite, capa.

## Reflexões sobre arte-ciência e a criação do zine

Como demonstra Zamboni (2006), a ciência tende a cometer certa generalização e reducionismo, ao seguir uma ordem de pensamento que para analisar um todo, primeiro o reduz e o divide – metodologia característica da teoria cartesiana. Da mesma maneira, se pretende universalizante, estendendo tal fórmula às demais realidades. Tal estrutura de pensamento opera segundo binarismos, que ao separar, por exemplo, arte e ciência e colocá-los em polos opostos, nos faz negar a dimensão criativa do processo em ciências, e o próprio caráter sensível e intuitivo inerente a todo processo, seja em artes, seja em ciências.

Mesmo que o processo de criação artística pertença a determinada dimensão particular (do seu criador) e com ele não se almeje grandes generalizações, não significa que nas artes não seja possível transmitir mensagens de natureza ampla. As artes, assim como as ciências, são veículos de conhecimentos humanos, de expressão e transmissão. Ambas, arte e ciência, são faces do conhecimento que se complementam, sendo que as artes tem o potencial de propiciar um entendimento mais complexo e profundo (ZAMBONI, 2006). Conforme apresenta Zamboni (2006, p. 23) “a arte não contradiz a ciência, todavia nos consegue fazer entender aspectos que a ciência não consegue fazer”.

Ainda segundo Zamboni (2006, p. 23), “não existe a suplantação de uma forma em detrimento da outra, existem formas complementares do conhecimento, regidas pelo funcionamento das diversas partes de um cérebro humano e único”. Nessa mesma direção, a multiplicidade proposta no zine “dialoga com várias áreas e linguagens de maneira construtiva, somando as potências desses territórios e não impondo um ao outro” (SILVEIRA, 2020, p. 411). Assim, temos que o zine “supre a lacuna não incentivada pelos sistemas sociais vigentes, que pregam a “oficialidade” cartesiana, obedecendo mais aos ditames (*e*)ditoriais

e educacionais, minimizando as possibilidades criativas” (ANDRAUS; NETO, 2010, p. 37, grifo dos autores).

A partir do processo criativo do zine podemos perceber que há espaço para a criatividade tanto em artes como em ciências. A criatividade ligada a intuição, “que nos ocorre sempre que faltarem meios empíricos e racionais para processar o contato com o mundo” (ZAMBONI, 2006, p. 31) e, conseqüentemente, ligada às artes da existência, que parte de um processo de busca de soluções interiores, haja vista que “a criação artística espelha a visão pessoal do artista, da mesma forma que a criação científica reflete a visão pessoal do cientista” (ZAMBONI, 2006, p. 34). Dessa maneira, o pesquisador não só pode, como deve fazer uso da criatividade, explorá-la e extrapolar as fronteiras forçadas pelo pensamento cartesiano, justamente para não reproduzir uma postura conservadorista, para borrar o pensamento binário e romper paradigmas.

O ato criativo do zine pode contribuir para a percepção e o desenvolvimento do processo criativo e do percurso de experimentação da pesquisa, a fim de desenvolver modelos metodológicos que não neguem o caráter processual, sensível e intuitivo do processo de criação, seja em artes ou em ciências. Afinal, a criação é também “processo de conhecimento e percurso de experimentação” (SALLES, 1998, p. 32). Na ordem processual a pesquisa não é produto exclusivo do racional; pelo contrário, se intercala com o intuitivo na busca comum de solucionar algo (SALLES, 1998).

O percurso de criação realiza-se sob a tensão entre limite e liberdade, que age dialeticamente um sobre o outro, mantendo o caminho criativo em movimento (SALLES, 1998). No processo criativo do zine essa relação se dá em diversos níveis: em seu próprio fazer artesanal e sua estética do “caos” (BUSANELLO, 2018) e da “desordem da palavra” (MUNIZ, 2010), que seguem os lemas “faça você mesmo” e “faça com o que tem”; bem como na busca por estratégias que transgridem/subvertem padrões de compreensão e juízo.

A criação de zines, a partir da colaboração de diferentes técnicas artísticas, se abre para a circulação de narrativas não-institucionais e/ou convencionais. Também nos leva à pesquisa e observação do trabalho de outras pessoas e incentiva experimentações de acordo com as buscas pessoais (LOURENÇO, 2006). A partir desse movimento pode-se compreender que todo processo de criação é pesquisa por sua própria natureza (ZAMBONI, 2006). Do mesmo jeito que todo processo de criação é um ato comunicativo, por se revelar também como um processo que busca o outro, que tem a necessidade de ser compartilhado (SALLES, 1998).

## Considerações finais

Ao aproximar arte e ciência, apontamos não só para a ideia de um pesquisador-artista, ou de um arte-cientista, que traz junto aos seus princípios éticos, seus princípios estéticos; mas também aproximamos a arte à vida, compreendida como um iminente processo de criação de formas de ser, visto que todo ser humano é em sua essência um ser sensível e cultural e potencialmente criador. Como nos indica Fayga Ostrower (1987), o ato de criar representa a nossa capacidade de compreender, relacionar, configurar, significar. Para a autora, “criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo” (OSTROWER, 1987, p. 9). Contudo, as sensibilidades (individual e cultural) não estão prontas e precisam ser desenvolvidas ao longo da vida. Por isso, a importância de nos voltarmos para a educação dos sentidos da percepção, grande responsável por ampliar nosso conhecimento de mundo (ZAMBONI, 2006) e de transformá-lo, reinventá-lo. O exercício e a abertura para o impulso criativo podem contribuir para romper paradigmas, substituí-los e seguirmos o curso da vida...

Com esse movimento reafirmamos o ser social entranhado ao ser criativo e impulsionamos a transformação dos territórios a partir da

democratização do acesso à arte. A própria trajetória do zine e o uso empregado pelos diferentes movimentos do qual fez parte demonstra que o zine está voltado mais para a criação de modos de se comunicar, do que exatamente com o que é comunicado/dito – assim como as demais poéticas contemporâneas (ECO,1991). Dialogando com Umberto Eco (1991, p. 110), poderíamos dizer que o zine está para “a possibilidade de veicular uma informação que não seja significado habitual, através de um emprego das estruturas convencionais da linguagem que se oponha às leis de probabilidades que a regulamentam internamente”. Assim como aponta Muniz (2010), está para a “desordem da palavra”, para a “não-ordem-habitual-e-previsível” (ECO, 1991).

Tal característica do zine pode gerar grandes frutos ao ser aproximado às ciências e ao fazer acadêmico. O zine, com sua estética não-convencional corrobora com a ideia de que “toda mensagem estética é inusitada e subversora do código e para não ser considerado ruído pressupõe uma intenção” e dentro desse processo acaba “estabelecendo um novo sistema linguístico que traz em si suas novas leis” (ECO, 1991, p. 120). Diferente de esgotar a discussão sobre arte-ciência e o processo criativo do zine, este artigo busca levantar reflexões a fim de provocar deslocamentos e projetos poéticos com funções libertadoras.

## Referências

AMARAL, Y. *Fanzines: reflexões sobre cultura, memória e internet*. Foz do Iguaçu, PR: EDUNILA, 2018.

ANDRAUS, G.; NETO, E. S. Dos zines aos biograficizines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. In: MUNIZ, C. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 29-47.

BUSANELLO, W. L. *Fanzine como obra de arte: da subversão ao caos*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2<sup>a</sup> ed., 2018.

CADÔR, A. B. A publicação como prática artística. In: ANDRAUS, G.; MAGALHÃES, H. *Dossiê Fanzines, Artesines e Biograficines: publicações mutantes*. Goiânia: FAV/UFG, Coleção Desenredos, v. 14, 2021, p. 19-43.

ECO, H. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 8ª ed., 1991.

GALVÃO, D. G. Ressonâncias no meio do caminho e/ou no caminho do meio: a poética infame dos fanzines. In: MUNIZ, C. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 81-97.

LOURENÇO, D. *Fanzine: procedimentos construtivos em mídia táctica impressa*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC, 2006.

MAGALHÃES. *O que é fanzine*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MUNIZ, C. Na desordem da palavra: fanzines e a escrita de si. In: MUNIZ, C. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 15-28.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.

SILVEIRA, G. L. B. Zine objeto de artista: um percurso de criação quadri-nhística entre fronteiras. In: ANDRAUS, G.; MAGALHÃES, H. *Dossiê Fanzines, Artesines e Biograficines: publicações mutantes*. Goiânia: Cegraf UFG, Coleção Desenredos, v. 14, 2021, p. 397-416.

SILVEIRA, P. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ZAMBONI, S. *A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas, SP: Autores Associados, 3º ed., 2006.